

tura». Isto não é assim: ou tu ignoras o que n'esse tempo era costume, e fizeste mal em asseverar o que não sabias; ou não o ignoravas, e fizeste peior alterando de proposito a verdade. Nos primeiros tempos do christianismo, durante as perseguições, enterravam-se nas catacumbas, ou como podia ser; mas depois que a Igreja se deu a paz, e que esta entrou nos costumes publicos, fizeram-se os cemiterios nas proximidades das igrejas, e era facil aos padres acompanharem os cadaveres, como se fazia em Lisboa antes de 1834.

Sucedeu, porém, que em 1835 se determinou a creação de dois cemiterios, o occidental e o oriental, e que só alli se fizessem os enterramentos, cessando todos os particulares que havia, com o pretexto de que a sepultação nos covas das igrejas e n'esses cemiterios prejudicava a saúde publica. Mas para que ninguém duvidasse de que esta razão não passava de um pretexto para esconder outros intentos, que não se ousavam declarar, ficaram os cemiterios anglicano, lutherano juden, dentro da cidade, onde ainda actualmente existem, a barlavento da mais populosa parte da mesma. A outra demonstração não vem dos proprios governantes, como esta veio, mas não é menos evidente. N'esses tempos em que os enterramentos se faziam nas igrejas ou nos cemiterios particulares, Lisboa era uma das cidades mais salubres da Europa; hoje, porém, e desde que para favorecer a saúde publica, foram prohibidas as sepultações dos catholicos fóra dos cemiterios do Alto de S. João, e dos Prazeres, Lisboa está ao nível, senão inferior ás terras mais insalubres da Africa!

Estas necropoles, acham-se situadas a 2 e 3 kilometros de algumas parochias, pelo que só pôdem considerar-se como prolongamentos das respectivas igrejas por uma especie de ficção moral, consideração contra a qual protesta a quasi impossibilidade phisica de obedecer a uma lei disciplinar estabelecida com muitas diferentes condições. O padre que houvesse de acompanhar a pé um sahimento funebre, v. g. desde S. Paulo, Conceição Nova, S. Julião etc., até aos Prazeres, ou de S. Nicolau, Magdalena etc., até ao Alto de S. João, consumiria no caminho de ida e volta boas tres horas, e quebrantado de forças. E se ainda tivesse mais 1 ou 2 acompanhamentos n'esse dia?... Ainda mais, o padre tem de ir confessar, levar o Sagrado Viatico ás casas dos enfermos; e como poderá fazer este serviço essencial, impreterivel e urgente? Tu fallas bem, porque andas em pernas de outros.

Porisso mesmo que os cemiterios da capital ficaram pertencendo a todas e a cada uma das freguezias d'ella, cessou o dever dos parochos de acompanharem todos os corpos á sepultura, quando cessou o direito de marcarem a hora para o acompanhamento á sepultura, quando esta se achava «no adro», ou dentro da «egreja da parochia». E apesar d'isso nenhum se recusava ao acompanhamento quando lhe dão meios de transporte para tão grandes distancias. Sem elles a exigencia é absurda.

Continuas ajuntando novos erros a outros erros. Assim dizes que o enterramento civil é a preterição do ceremonial ecclesiastico, e a sepultura em lugar que a Igreja não sagrou; mas esqueceu-te acrescentar, como já fiz notar acima, ser necessario que aquella preterição, se já voluntaria, e a escolha d'este outro lugar de sepultura intencional. Ambos estes caracteres se patenteiam nos *encovamentos*, que por euphemismo chamas enterramentos *civis*, devendo chamar-lhes *caninos*, pois nem *pagãos* chegam a ser. A palavra *civil* não tem aqui applicação. Mas nenhum d'esses caracteres se descobre nos que te atreves a chamar *enterramentos civis*, porque não os acompanha o parochio. E comtudo vêem todos a Cruz, bordada no panno funebre que cobre o ataude; e é sabido que um dos caracteristicos essenciaes dos *encovamentos* é a essencia de qualquer symbolo religioso, o que tu bem sabes, por serem elles um protesto contra Christo Redemptor, e a negação de Deus.

Quando a intolerancia protestante se modificou na Hollanda, faziam-se aos catholicos os officios funebres da sua Igreja; mas os padres não podiam acompanhar com as vestes sagradas os cadaveres além dos umbraes d'ella: dir-se-ia porisso que era civil o enterro? Não que seria disparate de marca maior.

Agora não sei mais se é assim; mas

seja como fôr, o caso é que o enterro não se tornava civil desde a porta da igreja até ao coval. Não havia alli *enterramentos civis*. Ora, se o não era, nem podia mesmo ser o apesar de não o acompanhar o padre, como pôde ser-o em Lisboa, onde ha o acompanhamento dentro dos limites da freguezia quando tem de fazer-se a pé?

Mas tu, com o intuito de condemnar o clero não queres ouvir dizer «que basta a encomendação—porque o direito canonico obriga o parochio a acompanhar o defuncto». Mas estás enganado n'isso; basta, e tanto basta, que em tempos d'epidemia, como se viu durante a cholera-morbus e a febre amarella, a auctoridade publica prohibe os acompanhamentos. Essa obrigação cessa quando cousas maiores o impedem; e uma d'ellas é a falta de conducção.

«Do contrario, acrescentas, a sua presença (do padre) nos enterramentos em que se dá coche (e até pobre sege com o cadaver adiante de si), seria uma inutilidade—o que a Igreja não permite». Como estás rigorista! Dize-me; quando o ir. Porcio, por outro modo José Estevão Coelho de Magalhães, recebeu o Sagrado Viatico, e para se dar ares de grande catholico (foram vocês que o disseram) vestiu casaca e pôz gravata ao pescoço (não sei se branca), fez uma verdadeira inutilidade, apesar do que não me consta que a Igreja lh'o não permitisse. É uma inutilidade cumprimentar-se algum, acompanhando na despedida até á porta da salla, ou ao alto do patamar, e todavia estes signaes exteriores de respeito, de afeição não se preterem sem offensa. O acompanhamento do padre é um signal de respeito, de afeição da Igreja pelo filho que perdeu, e quer que se lhe faça quando se pôde fazer-o sem perigo, ou incommodo geral.

Este incommodo é traduzido por ti em avidez do lucro por parte do padre, e em desprezo pelo pobre, que não sei como também attribues ao padre, sendo este o seu maior amigo, mas em ambas as supposições é soberanamente injusto. Antes do estabelecimento d'estes dois cemiterios, e prohibição da sepultura em qualquer outro lugar fóra d'elles, não havia a menor differença no acompanhamento dos corpos dos pobres e dos ricos; e assim é evidente que a differença agora notada, e pela qual tão bemimitas o choro não tem outra origem que o desprezo do pobre, e a avidez do padre. Essa causa está só na formação dos dois cemiterios nos extremos da cidade, que tornasse impraticavel por demasiadamente incommodo o acompanhamento a pé. A responsabilidade que injustamente imputas aos padres, pertence a outrem.

E aqui noto duas contradicções em que cabiste, e ambas graves: 1.^a Reconheces a formação d'estes dois cemiterios, a que não tardava seguir-se a prohibição dos enterramentos em qualquer outra parte; e n'isto confessas que esses cemiterios vieram substituir os antigos, e portanto receberam o mesmo caracter e natureza que os substituidos—isto é—catholicos, que lhes confirmou a benção da Igreja. Esta doutrina é verdadeira; mas destroe completamente a anterior que sustentaste quando, para censurar a portaria do sr. Sampaio, ordenando a separação nos cemiterios, negavas a pés juntos que os cemiterios podessem considerar-se catholicos por serem sómente municipaes. Assim mudas de opinião como as arvores mudam de folhas: ellas conforme as estações, tu conforme as conveniencias. 2.^a tens sido sempre um accusador inexoravel e feroz dos padres porque desobedecem, dizes tu, ás leis do Estado para só guardarem as da Igreja, quando se dá antagonismo entre umas e outras, caso em que exiges que as d'aquelle prefiram ás d'esta: e agora accusa-os porque não desobedecem á lei do Estado, quando diz que os padres «não serão obrigados a acompanhar a pé» os corpos dos seus parochianos, para obedecer exclusivamente á da Igreja que diz «os padres teem obrigação de acompanhar o corpo até ao cemiterio», que estava junto da igreja, e furioso nem advertes, além do que já fiz notar com relação ao local actual dos cemiterios e o dos antigos, que ella não determina que o façam a pé! Que pena mais causam estas contradicções, cuja causa parece a muitos nada ter de nobre!

Lisboa, 17 de novembro de 1877.

Teu mt.^o amigo

Pancrácio da Lourinhã.

(Continúa)

A saúde de Pio IX.—Todas as noticias de Roma, tanto respigadas nos jornaes, como telegraficas, authorisam-nos a dizer que a preciosa vida de S. Santidade não offerece symptomas de proximo fim: o que é comprovado tambem pelo facto de, não obstante uma trabalhada e atribulada existencia de 85 annos, continuar a receber os seus devotados filhos que continuamente o vão felicitar.

—Agora a proposito: Já, nos ultimos n.^{os} d'esta folha, dissemos que era intempestivo e inconveniente o alarde das preces, que um *figurorio*, querendo campar de muito affecto a Pio IX, ou antes—desejando tornar-se fallado, requerera .. crialmente, paspalhadamente, *condescendentemente*.

Este «condescendentemente» quer dizer: ou o signatario do requerimento tem uma aduela de menos; ou se prestára com a possivel facilidade a ser joguete dos manejos da carbonaria italiana, segredados cá por algum *filho da viuva*; ou ainda, quiz dar mais uma deliciosa prova da sua papalvice singular.

Mas nós inclinamos-nos a crer que o sr. Manoel Bernardino da Cunha e Silva —tal é o espalhado nome do heroe da criançada—só teve em vista dar-se seus ares de importancia, e.. entreter a gargalhada. Ha mais de 20 annos que conhecemos este individuo, e sabemos que nunca escreveu duas palavras onde não esparralhasse quatro parvoices.

Este sr. mandou imprimir e distribuir—posteriormente á patacuada alludida—um papelejo inosso, idiótico, tonto, que intitulou *Ao povo catholico*, e de tal modo concebido, *engenrado* e redigido, que manda fazer cem passos atraz ao senso commum, á grammatica e á seriedade, e tres mil passos á frente á gargalhada irresistivel.

Mas não satisfeito com taes brilhaturas, o sr. Bernardino agarra se ao «Ecco de Braga», papelorio que o mesmo individuo garatuja, segundo é voz publica, e alli dependura o seu admiravel requerimento, seguido do despacho de s. exc.^a revd.^{ma} o sr. arcebispo Primaz, e appendiculado com uma boa dose de bernardices.

Na sua febre de levar tudo para os Congregados, o sr. Manoel até quiz levar a cadeira archiepiscopal, como se vê do seguinte extracto do requerimento impagavel do sr. Bernardino, que é um alho:

... assim como tambem desejava que V. Exc.^a Revd.^{ma} ordenasse se levantasse na tarde de hoje na igreja na igreja dos Congregados, a Cadeira Primacial das Hespanhas, para as ditas preces assistir á frente dos fieis, o Successor Digno dos Bartholomeus, Brandões, Diogos de Souza, e Moura Telles. (Estylo, grammatica, o diantres do sr. Manoel).

Não copiamos integralmente esta peça das habilidades do habilidoso sr. Bernardino; porque não queremos que o leitor tenha o trabalho de esparrilhar as ilhargas. Mas faremos apenas uma referencia á omeleta choquissima, isto é ao requerimento do sr. Manoel:—as preces *requeridas* ou são publicas, ou particulares. No primeiro caso, s. exc.^a revd.^{ma} só deve a ellas assistir na Sé, com o seu cabido, clero, collegiaes e corpos collectivos da sua dependencia: se são particulares, o sr. arcebispo não *deveria*—embora *podesse*—a ellas comparecer fóra da capella do Paço, onde assiste a todos os actos religiosos, e onde todos os domingos se ora pelo Santo Padre.

Agora supponhamos que, por facil inadvertencia no alcance do requerimento, o sr. arcebispo deferia o monumental disparate, isto é o requerimento. Lá voava o sr. Manoel a mandar *levantar a Cadeira Primacial das Hespanhas* (!?!); depois poderia acontecer que s. ex.^a revd.^{ma} não comparecesse, nem os seus collegiaes, tambem convidados. E ahí vae o sr. Bernardino, o sr. Manoel, e o sr. Ambrosio em gritaria stentorica e... suspirada contra o veneravel Prelado! Que bella pechincha, ó sôr Bernardino!

E o sr. Manoel andou tão precipitadamente, era tal o ardor dos seus desejos e do seu zelo... catholico, a ponto de mandar dobrar, sem auctorisação, o sino da torre dos Congregados, para as preces que o sr. Bernardino queria fazer... Benza-o Deus, sr. Manoel!

Em todo este jogo anda, ou parece andar, ignorancia supina, ou ingenuidade

ultra, ou firme proposito de desprestigiar a auctoridade, que o sr. Manoel diz acatar, reverenciar e outro ar.

Transcrevamos agora o despacho de s. exc.^a revd.^{ma}:

«DESPACHO.—Mais do que ninguém Desejamos a vida e a saúde do Santissimo Padre Pio IX, não só como Prelado Catholico, mas tambem como Filho agradecido do Pae Commum dos fieis; todavia não Podemos Conceder a licença pedida, sem que Tenhamos a certeza, ou ao menos probabilidade, de estar em perigo imminente a vida de tão Venerando Pontifice. Procuraremos, pois, informarmos; e se Nos Convencermos da necessidade de Mandar fazer préces, Seremos Nós os primeiros a fazel-as, não convido alamar o povo christão emquanto não houver motivo para este alarme. Paço de Braga 21 de novembro de 1877.—A. Primaz».

Este venerando despacho levou o sr. Bernardino ás nuvens... da *bernardice*, e é de lá que o impagavel Manoel espalhou um outro *manifesto*, *bernardada*, ou quer-que-seja que no domingo fez as delicias d'aquelles que não foram á camara votar, e d'aquelles que ainda teem muito riso para rir.

Lá vae um bocadito,—um bocadito precioso:

Sr. arcebispo, cavalheiro *joutr'ora enobrecido com as honras de effectivo senhor donatario de Braga. O que me feriu foi a calunnia, a aleivosia infame de se me dizer que o meu desejo das preces partia, ainda que da boa fé, da maçonaria que tanto tem affligido a Igreja no nosso tempo!!!*

Se porem a insistencia continuar, então atirarei com o avental das lojas maçonicas, (de que nunca me servi, e que nunca vi), áquelles... que indignamente exercem cargos importantissimos no mundo social.

Sr. Manoel Bernardino da Cunha e Silva: cebolorio!

Mais duas palavras: Vimos uma carta (bonita que ella é!) escripta pelo proprio punho do sr. Manoel Bernardino, na qual este Herodes do bom senso e da grammatica se não peja de AMEAÇAR o sr. arcebispo de, no caso de s. exc.^a revd.^{ma} não condescender com os dislates do sr. Manoel, *recorrer ao Nuncio!* Mas o mais galante é que n'essa mesma carta convida o nosso Prelado a assistir ás *exequias na igreja dos Congregados* (isto é d'elle sr. Bernardino) *pela saúde de Pio IX!!!*

Ora, ou o sr. Manoel Bernardino está doido, ou não soube copiar o que lhe mandaram escrever.

Em qualquer dos casos é sempre o sr. Bernardino.

Má fé.—Espalharam por ahí uma galga, a que não podemos deixar de nos referir.—lamentando que a má-fé seja tão enorme e tão insolente, que até ás minimas bagatellas procure dar uma importancia ultra.

Disse-se, e repetiu-o um jornalorio, que passando o sr. arcebispo—no seu carro—defronte da guarda da cadeia, o soldado que estava de sentinella não chamou ás—armas; e que s. exc.^a revd.^{ma} se queixára d'esta falta, pelo que o soldado fóra castigado com tres dias de calabouço.

O facto verdadeiro foi: o sr. arcebispo passou defronte da guarda da cadeia, e a sentinella não chamou ás—armas, como era do seu dever; s. ex.^a seguiu o seu caminho, attribuindo talvez esta desatenção a mero esquecimento; mais tarde voltou pelo mesmo sitio, e a falta repetiu-se. Como não era provaavel, em rasão do tempo decorrido, que o sentinella fosse o mesmo o sr. arcebispo mandou chamar o cabo da guarda, e perguntou-lhe se, visto o que se tinha dado, havia ordem em contrario ao regulamento, a proposito d'aquellas irregularidades; ao que o cabo respondeu negativamente, pedindo desculpa respeitosa. S. ex.^a revd.^{ma} continuou o caminho, sem exigir mais satisfação alguma.

Este é o facto tal como se passou. Se o soldado foi castigado, isso é das atribuições da authority militar.

Advertiremos que a desconsideração—a ser de pensado—era feita: não ao sr. D. João Chrysostomo, porém ao sr. arcebispo Primaz e senhor de Braga.

Emquanto aos commentarios do jornalorio, só diremos que se deixem de baboseiras.

Que desgraça!—Consta que endoidécera o sr. Manoel Bernardino da Cunha e Silva, correspondente papa-fina d'es-

ta cidade para o «Jornal do Porto». Talvez desse causa a esta desgraça, o grande, o inconcebível empenho que o sr. Manoel Bernardino mostrou de fazer umas preces pela saúde do Santo Padre Pio IX, que o sr. Bernardino imagina ter morrido; porisso que convidou, para umas exequias em honra (!!!) da saúde do Vigário de Christo, varios cavalheiros e comunidades!

Temos pena do pobre mocinho! Elle, o redactor do «Ecco de Braga», empregado na repartição dos expostos n'esta Braga augusta, secretario da meza administrativa da irmandade da extincta Congregação do Oratorio d'esta cidade, (isto, e que-jandas tolices, é d'elle) cavalleiro não professo da ordem (não sabemos se tambem extincta) militar de Christo (a cruz da qual ordem perdeu n'uma funcção), correspondente do «Jornal do Porto», antigo cerzidor do «Independente» e do «Martyrio»; elle, o sr. Bernardino, posto á sombra em Ribafolles!

Pois Deus lhe pouha a virtude;—que o sr. Manoel Bernardino era digno de melhor sorte, posto que a sua intelligencia não seja das de mais graútos quilates. Elle ainda ha de voltar a ser um bom mocinho, logo que se lhe acalme a febre; mas... Deus super omnia, como diria um borda-d'agua fallando dos Bernardino.

Eleições camararias.—Realisaram-se ante-hontem as eleições camararias n'este districto.

Em Braga ficou reeleita a mesma vreação. Não houve opposição.

Consta-nos que em Guimarães, Villa Nova de Famalicão, e Fafe vencêra a opposição por grande maioria.

Finado illustre.—No comboio das 7 horas da tarde de sabbado veio para esta cidade o cadaver do sr. Jacome Borges Pacheco Pereira Brandão, ao qual acompanharam dez carros,—não sendo maior o numero d'este em razão do desabrido do tempo.

O cadaver foi depositado provisoriamente n'um jazigo, d'onde depois será trasladado para jazigo proprio

Noticias theatraes.—Estão annunciadas para hoje e amanhã duas unicas recitas dadas pela notabilissima actriz Pezzana.

Sobem á scena *A Dama das Camélias*, e *Soror Theresza*.

Espera-se extraordinaria enchente.

Novena.—Na quinta-feira de tarde pelas tres e meio, começará a novena da immaculada Conceição que a Associação Catholica manda fazer na igreja do Hospital de S. Marcos, em razão das obras que na do Carmo, onde era costume fazer-se, se andam construindo.

Na casa da Associação está affixado um edital do director espirital convidando todos os socios a assistirem a esta novena, para que da sua não assistencia não resulte descredito para a mesma Associação.

Premios grandes.—No estabelecimento de loterias de Lourenço Marques d'Almeida, á rua das Flores n.º 112, no Porto, foram vendidos na loteria de Lisboa que se extrahiu no dia 22, os seguintes premios:

Numeros 4038 com 1.000\$000 e 4033 com 500\$000, em oitavos e cautelas de 500, 250, 130, e 40 reis.

Guerra do Oriente.—Os ultimos telegrammas relativos á guerra do Oriente, são os que seguem:

Ragusa 21—Recomeçou vigorosamente o bombardeamento de Podgoritz e Spouz pelos montenegrinos.

Bucharest 21—O combate perto de Pyrgos não teve resultado decisivo.

Tanto os russos como os turcos se dizem victoriosos. Os roumanicos tomaram hoje Rahova, cuja guarnição fugiu para Widdin.

Foi a pique nas aguas do Danubio um monitor turco.

As communicações turcas estão quasi cortadas.

Londres 23—O gabinete servio decidiu declarar immediatamente guerra á Turquia e já estabeleceu o estado de sitio em todo o territorio ao longo da fronteira turca. O sultão recusa desfraldar o estandarte do profeta. Os russos estão concentrando as suas tropas na Asia contra Erzeroum. Plewna continua a resistir. Rompeu novamente em Chipka um violento canhoneio.

Bucharest 23—Os roumanicos prepararam-se para pôr cerco a Widdin. Encomendaram-se já provisões destinadas aos soldados turcos, na provisão da proxima capitulação de Plewna.

Londres 23—O «Standart» publica um telegramma de Giurgeno com data de 22, confirmando que os russos encomendaram 70.000 saccas de pão prevendo a entrega de Plewna.

Tiflis 24—Os turcos atacaram antehontem a 12.ª divisão russa, mas foram repellidos.

Moukhtar-Pachá foi intimado para capitular, mas não quer submeter-se.

Paris 24—Dizem da Servia não ser exacto que entre proximamente na guerra.

A's pessoas caritativas.—Na rua Direita, da freguezia de S. Pedro de Maximinos, n.º 18, existe uma entrevadinha, de 16 annos de idade, e filha de paes extremamente pobres, que continuamente sofre dôres tão acervas, que só as almas bemfazejas lhe podem dar algum allivio, soccorrendo-a com uma esmola pelo divino amor de Deus.

A's almas caridosas.—Recomendamos ás almas caridosas uma infeliz viuva, moradora na rua de S. Bernabé, n.º 13, (solão). Tendo 80 annos d'idade, e porisso sem poder applicar-se a qualquer trabalho, lucta com a miseria extrema.

Appelo á caridade.—A entrevada Maria Antonia Ferreira, viuva do Antonio dos Granginhos, e que ha tempos saiu do Hospital com molestia incuravel, tem agora os seus padecimentos mais aggravados, achando-se sem meios de subsistencia para poder tratar-se no pouco tempo que lhe resta de vida. Imploramos, pois, a caridade das almas piedosas, para que se lembrem da infeliz com uma esmola. A sua residencia é na rua do Alcaide, n.º 17, n'um quarto á porta da rua.

Audiencias geraes.—Foram julgados os seguintes individuos, nos dias tam-



MISSA FUNEBRE.

A Direcção do Asylo de D. Pedro V resolveu mandar celebrar na igreja do convento da Penha, no dia 27 do corrente pelas 11 horas da manhã, uma missa de requiem por alma do Ex.^{mo} e Revd.^{mo} Sr. D. José Joaquim d'Azevedo e Moura, Arcebispo Primaz de Braga, e digno Presidente e Beneficitor do mesmo Asylo, por ser n'este dia o primeiro anniversario do seu fallecimento.

Assistirá a este aecto a Direcção e pessoal interno d'esta casa de beneficencia.

Braga, em sessão de 25 de novembro de 1877.

O secretario—Padre Luiz Gomes da Silva.

SAÚDE A TODOS sem medicina, purgantes, nem despezas, com o uso da deliciosa farinha de saúde,

REVALESCIÈRE

DU BARRY de Londres.

30 annos d'invariavel successo

4 Combatendo as indigestões (dispepsia) gastrica, gastralgias, flegmas, arrotos, ventos, flatos, amargor na bocca, pituitas, nauseas, vomitos, irritação intestinal, bexigas, diarréa, desenteria, colicas, tosse, asthma, falta de respiração, oppressão, congestões, mal dos nervos, diabethe, debilidades, todas as desordens no peito, na garganta, do alito, dos bronchios, da bexiga, do figado, dos rins, dos intestinos, da mucosa, do cerebro e do sangue. 85.000 curas, entre as quaes contam-se a do duque de Pluskow e da ex.^{ma} sr.^a marquezia de Brehan, da sr.^a duqueza de Castletward, do Lord Stuard de Decies, par d'Inglaterra, do doutor e professor Wurzer, etc., etc.

Cura n.º 48.614.—A sr.^a marquezia de Brehan, de sete annos de doença do figado, d'estomago, emmagrecimento, palpitações nervosas em todo o corpo, agitação nervosa e tristeza mortal.

Cura n.º 62.986.—M.^{te} Martin, de supressão da menstruação e dança de São Guido, declarada incuravel, perfeitamente curada pela **Revalescière**.

Cura n.º 65.112.—E. Payard, de gas-

tralgia e vomitos. Não podia suster-se de pé, nem dormir, tendo sempre a cavidade do estomago intumecida.

Cura n.º 62.845.—M. Boillet, cura, de 36 annos de asthma com suffocações durante a noite.

Cura n.º 70.421.—M. A. Spadaro, de uma constipação obstinada de nove annos. Era terrivel, e distinctos medicos tinham declarado que não havia meio de cural-a

E' seis vezes mais nutritiva do que a carne, sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios.—Preços fixos da venda por miudo em toda a peninsula:

Em caixas de folha de lata, de 1/4 kilo, 500; de 1/2 kilo 800 rs; de um kilo, 1\$400 rs; de 2 1/2 kilos, 3\$200 reis; de 6 kilos, 6\$400; e de 12 kilos, 12\$000 rs.

Os **biscoitos da Revalescière** que se podem comer a qualquer hora, vendem-se em caixas a 800 e 1\$400 reis.

O melhor chocolate para a saúde é a **Revalescière chocolataada**; ella restitue o appetite, digestão, somno, energia e carnes duras ás pessoas, e ás creanças as mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario sem esquentar.

Em pó e em paus, em caixas de folha de lata de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 reis; de 48 chavenas, 1\$400; de 120 chavenas, 3\$200 reis, ou 25 reis cada chavena.

DU BARRY & C.^a LIMITED.—Place Vendôme, 26, Paris, 77 Regent-Street, Londres. Valverde, 1, Madrid.

Os pharmaceuticos, droguitas, mercieiros, etc., das provincias devem dirigir os seus pedidos ao deposito Central: sr. Serzedello & C.^a Largo do Corpo Santo 16, Lisboa, (por grosso e miudo); Azevedo Filhos, praça de D. Pedro, 31, 32, Barral & Irmãos, rua Aurea, 12—Porto, J. de Sousa Ferreira & Irmão, rua da Banharia, 77.

DEPOSITOS ENTRE DOURO E MINHO.—Aveiro, F. E. da Luz e Costa, pharm.—Barcellos, Antonio João de Sousa Ramos, pharm., Largo da Ponte.—Braga, Domingos J. V. Machado, drog., praça Municipal, 17—Antonio A. Pereira Maia, Pharm., rua dos Chãos 31—Pipa & Irmão, rua do Souto.—Vianna do Castelo, Afonso drog., rua da Picota; J. A. de Barros, drog., Rua grande, 140.—Guimarães, A. J. Pereira Martins, pharm.—Antonio d'Araujo Carvalho, Campo da Feira, 1; José, J. da Silva, drog., Rua da Bainha, 29 e 33.—Penafiel, Miranda, pharm.—Porto, M. J. de Sousa Ferreira & Irmão, Rua da Banharia, 77; J. R. de Sequeira, pharm., Casa Vermelha; E. J. Pinto, pharm., Largo dos Loyos, 36; Viuva Desiré Rahir, Rua de Cedofeita, 160; Fontes & C.^a, drogs., Praça de D. Pedro, 105 a 108; Antonio J. Salgado, Pharmacia Central, Rua de Santo Antonio, 225 a 227.—Ponte de Lima, A. J. Rodrigues Barbosa, pharm.—Póvoa do Varzim, P. Machado de Oliveira, pharm.—Valença do Minho, Francisco José de Sousa, pharm.—Villa do Conde, A. L. Maia Torres pharm.

THEATRO

DE

S. GERALDO

Espectaculo de gala, em commemoração ao dia 1.º de Dezembro de 1640.

Em beneficio, o drama em 2 actos e 3 quadros

OPPRESSÃO E LIBERDADE.

A comedia do sr. Pinheiro Chagas, em 1 acto

QUEM DESDENHA.

N. B. Os bilhetes achar-se-hão á venda na casinha do theatro desde o dia 20 do corrente em diante.

Despedida e agradecimento.

Joaquim Maria Alves, ex-chefe da estação do caminho de ferro d'esta cidade, tendo sido nomeado para identico logar na de Campanhã (Porto), para onde teve de partir immediatamente; por este meio se despede de todas as pessoas que o honraram com a sua amizade, assim como agradece todas as atenções que durante a sua estada aqui lhe dispensaram. A

todos os seus amigos offerece o seu limitado prestimo na localidade referida, ou onde se achar. (628)

AGRADECIMENTOS

Penhoradissimos pelos immensos obsequios que receberam durante a prolongada molestia e por occasião do fallecimento de seu filho, irmão e cunhado Antonio Maria de Magalhães Cruz, no dia 6 de outubro do corrente anno de 1877—veem os abaixo assignados testemunhar por este meio os seus agradecimentos e a sua indelevel gratidão.

Antonio Polycarpo Cardoso Cruz
Francisca Amalia de Magalhães Cruz
Virginia Amelia Cruz Braga
Dulcídio Polycarpo Cardoso Cruz
Francisco Cazimiro de Magalhães Cruz
Augusto Cezar de Magalhães Cruz
Leonardo Antonio Ferreira Braga.

ANNUNCIOS

ATTENÇÃO. BAPTISTA

9, Rua dos Capellistas=Campo de D. Luiz I.

Dá parte ás suas ex.^{mas} freguezas e freguezes que acaba de receber um lindo e variado sortimento de fazendas proprias para a presente estação de inverno.

Fazendas de lã de 120, 140, 200, 240 o covado e mais elevados preços.

Ditas em serguitas e matallassés de 120, 140, 240 e 500 reis o covado.

Pannos para casacos de senhora.

Capas de casimira, duas faces desde 8\$000 a 12\$000 reis

Ditas de uma face desde 4\$500 a 7\$000 reis.

Saias guarda-lamas desde 1\$800 a 5\$000 reis.

Fichus de merino, bordados a seda, desde 3\$500 a 6\$000 reis.

Regallos de pelle desde 2\$500 até 5\$000.

Pelatinas ao metro a 1\$200 reis.

Cuias modernas.

Tranças de cabelo.

Sapatos de feltro para homem e senhora desde 800 até 2\$000 reis.

Ditos de lig. para homem a 550 reis.

Ditos para senhora a 480 reis.

Ditos para creança a 300, 320 e 360.

Um grande lote de chitas a 80 reis o covado.

Um dito a 90, 100 e 110 o covado.

Casacos e capas de malha para creança.

Lenços de malha.

Mantas e gravatas para homem e senhora.

Meias de lã de côr e branca para senhora e creança.

Ditas d'algodão, desde 100 até 400.

Coturnos de lã de côr e branca para homem.

Guarda-chuvas para homem desde 2\$000 até 4\$500 reis.

Ditos para senhora, de 1\$200, 1\$500, 1\$800, 2\$000, 3\$000 e 4\$500.

Mantas d'agasalho para homem desde 1\$200 a 2\$000.

Chancas para homem e creança.

Coletes de malha em côres, para homem e senhora.

Camisolas d'algodão para homem, senhora e creança.

Ditas de merino.

Ditas de laia, finas e encorpadas.

Agoas de colonias, sobonetes, cosméticos e pomadas para o cabelo.

Grande deposito de lunetas e oculos, vista curta e cançada. Faz-se recommendação das lunetas, por serem muito leves, boa commodidade e aparato que apresentam.

Saccas de viagem para homem e senhora.

Casimiras para fatos de homem.

Córtes de casimira para calça.

Galões modernos para guarnecer casa-cos.

Guarnições de sergaria, com vidrilhos e sem elles.

